

## UMA GRANDE PERDA

**\* Roberto Rodrigues**

Perdemos mais um grande líder do agronegócio brasileiro: morreu em julho Octávio Mello Alvarenga, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. No Brasil somos acusados de não cultivar as tradições, de não homenagear nossos heróis. Não é bem assim. Mas, tanto como homenageamos o grande líder Antônio Ernesto Salvo, é preciso agora galardoar este companheiro de todas as horas.

Advogado e escritor, Alvarenga nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1926, e atuou como presidente da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) por 31 anos. Também esteve à frente da Academia Nacional de Agricultura.

Inteligente, cordial, elegante e bem humorado, era muito estimado nos meios sociais, empresariais e políticos brasileiros, especialmente do Rio de Janeiro, onde vivia desde 1955.

A partir de 1979, assumiu a presidência da Sociedade Nacional de Agricultura, onde realizou um excepcional trabalho de dinamização daquela instituição, nas áreas de divulgação (através da revista A Lavoura), ensino (criando a Faculdade de Ciências Agroambientais) e defesa dos interesses do setor do agronegócio brasileiro, promovendo diversos eventos, entre eles, 11 concorridos Congressos de Agribusiness, realizados anualmente desde 1999.

Em sua gestão, fez questão de manter a instituição com total independência - fato que o permitia criticar e aplaudir políticas governamentais dos sucessivos governos, e merecer respeito por parte dos grupos conservadores e progressistas do setor rural.

Como escritor, foi autor de 18 livros, sendo 12 de ensaios, poesias, crítica literária, romances e biografias. Recebeu dois prêmios Walmap de Literatura (em 1967 e 1971) com os livros "Judeu Nuquim" e "Sexta-Feira, 16". Escreveu ainda seis livros sobre Direito Agrário, Meio Ambiente e Agricultura.

De 1991 a 1999, manteve uma coluna semanal em O Globo, às segundas-feiras.

Recebeu em 1986 a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, outorgada pelo então presidente da República, José Sarney, à Sociedade Nacional de Agricultura. Em 1997, foi agraciado com o título de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro.

Atuou como Diretor-orador do Instituto dos Advogados Brasileiros, membro do Conselho Deliberativo do Sebrae/RJ, Diretor Executivo da ALADA - Associação Latino-Americana de Direito Agrário. Fundou a Sobrapa - Sociedade Brasileira de Proteção Ambiental, e o Instituto Cultural da SNA. Também esteve à frente do Centro Cultural Brasil - Israel.

Alvarenga ganhou destaque como o único latino-americano titular da Academia de Agricultura da França, eleito em 1990. Fez cursos de especialização nos Estados Unidos, Administração Pública em Alcalá de Henares e Direito Agrário em Madri, na Espanha. Na Itália, foi bolsista da Rockefeller Foundation.

Como advogado, desempenhou o cargo de procurador de todos os órgãos federais criados a partir de 1959 para tratar das questões agrárias e de reforma agrária, notadamente do Incra, onde atuou como Procurador Regional.

Especialista em Direito Agrário, era considerado um dos maiores conhecedores dos problemas fundiários do país. Foi defensor intransigente da criação de uma Justiça Agrária especializada, a nível federal. Assumiu, em 1º de julho de 2009, a presidência da Comissão Permanente de Direito Agrário do Instituto de Advogados Brasileiros (IAB-RJ).

Versátil e espirituoso, constituiu com amigos um grupo denominado “Cantores do Chuveiro”, reunindo profissionais de sucesso em suas respectivas áreas de atuação e amadores em termos musicais. Unidos pela música, apresentaram-se, com sucesso, em longas temporadas no Rio de Janeiro, em outras cidades brasileiras, e até em Paris, capital francesa.

Casado durante 25 anos com Maria Alice Drummond Alvarenga, teve quatro filhos: Isa Chloris, Antonio, Rodrigo e Roma. Desde 1988, era casado com Sylvia Wachsner.

Defensor intransigente da classe rural, apaixonado pelos temas ligados ao direito no campo, Alvarenga tinha uma característica marcante: era extremamente sério nas coisas importantes, mas sabia ser irreverente com as não importantes. Tinha uma contagiante alegria de viver, e sua visão poética de cada fato lhe emprestou a permanente característica da “leveza de ser”, sustentavelmente.

Solidário com as demais entidades de representação da agropecuária e do agronegócio, nunca faltou aos grandes eventos classistas, tendo se destacado em todos eles com sua posição legalista e de equilíbrio.

Fará muita falta: sua alegria, sua irreverência, sua poesia – e sua firmeza democrática na defesa do Estado de Direito, farão falta.

A estas horas estará cultivando alguma hortalica orgânica no Jardim do Éden, cantarolando uma seresta para as anjinhas mais belas...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**